

EDUCAÇÃO E PODER

1

26 AGO 1997

Jarbas Passarinho

CORREIO BRAZILIENSE

O ministro Paulo Renato é dos mais brilhantes e festejados auxiliares diretos do presidente Fernando Henrique, ele mesmo um professor emérito, prematura e violentamente apontado de sua cátedra na USP "pelos militares" como certa feita ele me disse em aparte no Senado Federal, em que ambos tínhamos assento. Pelo governo militar, sim, mas por indicação peremptória de seus pares na Universidade que não lhe perdoavam os seminários de leitura e interpretação de *O Capital*, e certamente se alarmavam com o seu brilho sedutor, capaz de aliciar facilmente os estudantes paulistas.

Sempre defendi a tese de que educação não é despesa, mas investimento. Ainda que seu retorno seja demorado (Piaget dizia que durava 14 anos), não há como negar que, sem educação, não haverá desenvolvimento econômico e social. Pode até haver crescimento, mas não desenvolvimento. Os governantes, em geral, dado o prazo curto do mandato, entre investir em educação e construir uma ponte, uma rodovia, uma termoelétrica, uma linha de eletrificação rural ou palácios sumptuosos, preferem estes e não aquela. Assim, quando o presidente da República é um educador, o seu ministro da Educação é por definição um felizardo. Daí, provavelmente, não haver queixa de falta de recursos para o MEC enfrentar sua difícil missão:

Causou-se, pois, certa estranheza ler que o nosso presidente lastima que tenhamos ainda 18% de analfabetos adultos, sem um projeto agressivo para reduzir esse percentual a níveis aceitáveis. Há muito não acompanho estatísticas do setor; mas estou certo de que Chile e Argentina não têm mais que 5 a 6 por cento de analfabetos na sua população. Uma das minhas maiores frustrações foi o malogro do



Mobral, um projeto que galvanizou o Brasil, recebeu comovedora solidariedade da sociedade e, dirigido eficientemente por Mário Simonsen e um grupo de educadores por ele escolhidos, chegou a alfabetizar milhões de pessoas. Alertado por uma pedagoga, cansei de chamar a atenção para o perigo do fenômeno da regressão. Se à alfabetização não corresponder a prática continuada da escrita, será fatal regredir o alfabetizado à condição original. Não é necessário ser um mestre ou doutor em educação para saber isso. Ao fim de minha gestão, admitia-se, baseado nas pesquisas domiciliares entre 71 e 73, haver-se reduzido de 33% (início do Mobral) para 22% a taxa de analfabetismo de brasileiros com 15 anos de ida-

de ou mais. A continuar esse bom êxito, previa-se atingirmos a taxa de 7% em 1980. Houve, é certo, desvio da finalidade do Mobral depois que Mário Simonsen deixou, em março de 74, a sua presidência e um novo governo se instalou. Inventaram o Mobral Cultural, abandonando-se o bem-sucedido projeto de Preparação Intensiva de Mão-de-Obra, que aproveitava o operário alfabetizado para fazer cursos profissionalizantes, como de estucador, carpinteiro, pedreiro, bombeiro na indústria de construção civil. Tolice maior foi tentar fazer do Mobral um competidor das Comunidades Eclesiais de Base. Deixou-se de estimular o alfabetizado a prosseguir no Projeto Minerva, cujos concluintes ingressavam no sistema alternativo do Supletivo e chegavam até ao 3º Grau. Sentindo o perigo do desvio de rumo, Daniel Krieger, Tarso Dutra, João Calmon e eu proporcionamos número para o MDB pedir a criação de uma CPI, que acabou prejudicada pela manobra lastimável da liderança do governo, em 1975. É quase certo que, não fora isso, teríamos evitado o fracasso de um dos mais belos movimentos educacionais que tivemos em qualquer tempo.

O fato incontestável é que estamos em 1997 e o presidente Fernando Henrique depõe a possível existência de 18% de brasileiros adultos ainda analfabetos, o que nos coloca em posição desconfortável no Cone Sul ou em quase toda a América Latina.

Alvin Tofler, em seu ainda não traduzido "Les Nouveaux Pouvoirs", mostra que o motor das mudanças radicais que o mundo sofrerá no século XXI será o saber, determinante principal do sistema de criação de riqueza. Ou seja, a educação será a chave da conquista do poder das nações.

Não precisamos esperar o início do novo século para inspirar-nos em exemplos viáveis. Basta olharmos para a ilha de Formosa, cuja superfície é menor que a da ilha do Marajó. Tem menos de 7% de analfabetos e 21% de escolarização no 3º Grau. Isso explica que possa suprir as necessidades básicas de uma população de 21 milhões de habitantes e exportar quase o dobro do seu exóto o Brasil! Que está exportando, inclusive para nós, o produto de seus cérebros! Se Tofler está certo, como esteve ao escrever "O Choque do Futuro" e "Terceira Onda", o poder está mais perto de Taiwan do que de nós, exagero à parte.

■ Jarbas Passarinho, ex-senador, ex-ministro e ex-governador, é presidente da Fundação Milton Campos